

# NEGRITUDE E IDEOLOGIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA OBRA *XIXI NA CAMA*, DE DRUMMOND AMORIM

Luzia Aparecida Oliva dos Santos<sup>1</sup>  
Marli Walker<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente reflexão apresenta a relação observada entre literatura infanto-juvenil, signo e ideologia na obra *Xixi na cama*, de Drummond Amorim. Inicialmente, abre-se espaço para o reconhecimento de uma literatura infanto-juvenil negra no contexto literário nacional. Em seguida, contextualizam-se os signos e a ideologia presentes no discurso do autor e suas possíveis conotações para o receptor do texto, no caso, o adolescente ainda em fase de construção e elaboração de seu universo ideológico. Por último, acresce-se ao estudo considerações acerca da intencionalidade do autor em produzir uma literatura infanto-juvenil negra, buscando no texto as evidências linguísticas para assim caracterizá-lo.

**Palavras-chave:** literatura infanto-juvenil, literatura negra, ideologia.

O enfoque que traçamos nesse estudo consistiu em legitimar a literatura infanto-juvenil como um espaço fecundo e propício à tomada de consciência do público alvo da diferença entre fantasia e realidade nos textos literários infanto-juvenis. A partir da apropriação de signo linguístico por parte do escritor para alcançar determinado espaço ideológico no ato de recepção dessa literatura na infância e adolescência, pode-se determinar a intencionalidade do autor.

A literatura infanto-juvenil, assim como a literatura, é a arte que melhor comunica, ou representa, a condição humana em todas as suas esferas. No solitário ato da leitura, o receptor completa o movimento que se inicia no autor e termina no leitor. Esse, por sua vez,

---

<sup>1</sup> Professora Mestre do Departamento de Letras, da UNEMAT – campus de Sinop, na área de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. Discente do programa de Pós-graduação da UNESP – São José do Rio Preto – SP, no curso de Doutorado, na área de concentração: Literaturas em Língua Portuguesa. E-mail: olisant.42@gmail.com

<sup>2</sup> Marli Walker é poetisa, mestre em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal de Mato Grosso – MeEL, aluna do programa de pós-graduação/doutorado em Literatura da Universidade de Brasília - UnB, pesquisadora do Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (RG-Dicke) e do Grupo de Pesquisa em Estudos Comparativos de Literatura: Tendências Identitárias, Diálogos Regionais e Vias Discursivas. E-mail: marli.walker@yahoo.com.br

vivenciará uma série de sensações como esperanças, sonhos, embora frustrados na linha seguinte, decepções, alegrias e tristezas. Talvez este seja o ponto que justifique a literatura como uma arte tão completa. Nesse sentido, entende-se a literatura infanto-juvenil como elo importantíssimo entre o adolescente e o universo que o cerca, pois o inicia em contatos mais estreitos com a linguagem. Nesse contexto, é preciso evidenciar que a adolescência é um momento deveras especial na formação ou confirmação de valores e tomada de posições frente aos mais diversos temas sociais.

Segundo Fábio Lucas (1985), verifica-se a oscilação, na literatura infanto-juvenil brasileira, de autores que denotam com bastante clareza e preferência por textos realísticos que, mesmo despindo-os de toda e qualquer fantasia, não perdem o valor mágico e encantador em sua criação.

A fantasia refere-se àquilo que nega e camufla o mundo real no texto escrito para crianças e adolescentes. Entretanto, a fantasia e a imaginação não estão de forma alguma ausentes de textos engajados e compromissados em retratar a opressão ou marginalização imposta por alguns grupos sociais a outros.

A partir da análise do texto do escritor mineiro Drummond Amorim, *Xixi na Cama*, demonstrou-se por meio da evidência textual que, mesmo não partindo de um autor negro, a força dos signos usados o torna um texto com características de literatura negra. Para Zilá Bernard (1987, p. 16), “poderão ser considerados como literatura negra aqueles textos em que houver um eu enunciador que se quer negro, que reivindica sua especificidade negra”.

Pretender uma literatura infanto-juvenil negra, implica, antes de tudo, reconhecer a existência de uma literatura negra no Brasil. Catalogar títulos pela cor da pele deste ou daquele autor seria por demais simplista diante do valor e do peso infinitamente maiores dos signos linguísticos existentes no texto para assim caracterizá-lo. Conforme Bernard (1987, p. 16) deve-se buscar sua representação na evidência textual como o “caminho que nos assegurará um maior rigor científico à análise da questão. Assim, poderão ser considerados como literatura negra aqueles textos em que houver um eu enunciador que se quer negro, que reivindica a sua especificidade negra”.

Percebe-se, portanto, que a natureza do texto literário reside muito antes em seu teor semiótico do que em qualquer outro fator externo ao texto. O discurso, e apenas ele, será o

fator determinante para catalogar uma literatura como negra. Entende-se como literatura negra o texto que revela especificidades inerentes ao contexto ideológico que permeia o universo das relações sociais entre indivíduos de raças diferenciadas.

O texto literário, para assim se caracterizar, depende de uma relação muito estreita entre o texto, seu produtor e quem o recebe. Para denominar uma literatura como negra não se pode fugir a essa mesma observação, uma vez que a literatura negra necessita de uma relação ainda mais estreita entre produtor, receptor e as dimensões ideológicas que permeiam o texto.

Para Bernard (1987, p. 17), “o processo literário envolve basicamente a inter-relação entre quem faz o que, como realiza e quem usufrui. [...] Será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos seus descendentes”. A citação ressalta a presença explícita da temática negra em que o sujeito de enunciação, mesmo que não seja negro, denote, pelas marcas de seu discurso, o comprometimento com a causa.

Nesse sentido, porém, precisa-se evidenciar outra observação relevante, uma vez que se está tomando como referência a questão da negritude na literatura infanto-juvenil brasileira. Não se conhece nenhum estudo sobre esta questão específica e verifica-se o mesmo fato na área da literatura sobre esta temática. Nesse contexto, é “preciso observar que nos terrenos da sociologia, história e antropologia o negro tem sido ampla e seriamente estudado, na área dos estudos literários não se dá o mesmo”, observa Bernard (1987, p. 18).

Apesar da consciência de estarmos trilhando por terrenos ainda tão pouco explorados, procuramos, no decorrer de nossa análise, reconhecer na obra estudada as características citadas por Bernard para então catalogá-la ou não como literatura infanto-juvenil negra. Para tanto, procuramos as marcas do discurso que denotam a intencionalidade ideológica do produtor. Conforme Bernard (1987, p. 18):

Para que se confeccione um conceito consistente será preciso atentar para os seguintes elementos: a) a existência de uma articulação entre textos dada por um certo modo negro de ver e sentir o mundo; b) a utilização de uma linguagem marcada tanto a nível de vocabulário quanto dos símbolos usados pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida.

Atentamo-nos ao elemento "b" citado por Bernard, procurando detectar, na linguagem, marcas que caracterizam ou permitem a associação entre signo e ideologia, o que nos leva a acrescentar ao tema analisado uma reflexão mais estreita sobre as dimensões alcançadas pela linguagem na temática abordada.

Para tanto, tomamos o signo enquanto linguagem verbal, que sinaliza ou simboliza determinada realidade social e/ou material. Segundo Bakhtin (1999, p. 31) “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia”.

A abordagem da leitura que desenvolvemos envolve questões ideológicas antigas, mas sempre renovadas na dialética social. Não seria novo falar em ideologia ou signos denotativos do preconceito negro na literatura. No entanto, o objeto pelo qual procuramos encontrar a presença do signo e da ideologia no romance estudado é precisamente a palavra, que encerra em si todo um universo de significações, à proporção que, no fazer literário, torna-se o instrumento utilizado pelo produtor. Como observa Bakhtin, (1999, p. 31-32) “em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção”.

A diferença entre o significado natural da palavra, como por exemplo na frase: aquele carro é "preto" e o significado ideológico na fala: aquele "preto" safado, é que determina a função que a mesma irá desempenhar nas mãos do produtor. Para Bakhtin (1999, p. 32),

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.

A presença da ideologia percebida pelas marcas do discurso descortina um universo de signos reveladores de situações pertinentes ao cotidiano do menino negro Joca, protagonista do romance. O caráter ideológico tecido pelo autor para representar o universo negro por meio de signos perpetuados pela sociedade permeia toda a narrativa. Essa característica da obra remete à afirmação bakhtinina de que a comunicação verbal

é inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos,

relações de dominação e resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder. A palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for (BAKHTIN, 1999, p. 14).

Tomando a literatura como um campo semiótico por excelência e reiterando a função da palavra como força criadora dos signos linguísticos em seus mais variados contextos sociais, podemos caracterizá-la como mola propulsora dos textos literários ideologizantes. Nesse contexto, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1999, p. 41)

O estudo pormenorizado realizado por Bakhtin sobre ideologia e linguagem, oferece fértil terreno para amparar este estudo, uma vez que, segundo sua observação, tudo o que é ideológico é um signo. Convém ressaltar que, sendo a palavra o instrumento de produção de literatura, pode-se verificar nas marcas do discurso escrito o mesmo fenômeno dialético da linguagem citado por Bakhtin:

Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se concentram os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem (BAKHTIN, 1999, p. 66).

Esses conflitos são facilmente verificados nas relações sociais. Conforme observação de Marilena Chauí (in: BERNARD, 1987, p. 32), “o que torna possível a ideologia é a dominação de uma classe sobre a outra”. Porém, afirma Chauí, o que dá força à ideologia é que ela procura ocultar a dominação real.

Verifica-se no texto os conflitos desencadeados a partir da força ideologizante dos signos linguísticos que permeiam o mesmo. O valor do signo apura-se exato no contexto e as conotações que o permeiam são, quase sempre, ideológicas.

Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por

mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não esgotou todas as consequências que dele decorrem.

Portanto, podemos afirmar que a precisão na escolha das palavras que revelam o discurso ideológico é fator determinante para caracterizar o texto como literatura infanto-juvenil negra.

Perguntamos, porém, se houve intencionalidade do autor ao produzir o texto, em explorar a palavra como fenômeno ideológico por excelência, uma vez que, para Bakhtin (1999, p. 36), “a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social”.

Devemos complementar que, como leitores adultos, assimilamos o impacto ideológico que o texto produz. A relação social implícita no romance nos remete novamente à palavra e à função que esta adquire nas relações sociais. Embora o reconhecimento dos signos sociais possa ser mais limitado em crianças e adolescentes, percebemos no texto estudado, a estreita ligação entre literatura infanto-juvenil e a representação do real para o público leitor.

Drummond Amorim, apresenta, em *Xixi na Cama*, um texto carregado de significações, que, por meio do discurso do protagonista, revela o poder do signo no processo de perpetuação do sistema dominante, neste caso, representado na subjugação dos valores negros pelos brancos que se querem superiores.

Esse é o ponto em que se percebe o signo linguístico convertido em ideologia no discurso do adulto para alcançar a inocência natural da criança e do adolescente, numa espécie de iniciação ao mundo real. Sobre esse aspecto, Fábio Lucas (1985, p. 88) entende que “no discurso do adulto, o real é sequestrado pela ideologia, o cenário cultural é envolvido pela impregnação ideológica, isto é, o aspecto dominante da totalidade cultural se infiltra como pragmática”.

Ora, sendo a criança e o adolescente receptores de tais textos e, por conseguinte, da ideologia neles existente, ambos tornam-se, então, participantes do processo de reorganização de seus conceitos a partir dos recursos dialéticos usados pelo escritor.

Exemplo disso é o próprio Joca, protagonista do romance, que se apropria da linguagem para caracterizar seu desabafo diante das perseguições que sofre pelo grupo

dominador. Essas manifestações se desenvolvem também pela apropriação da linguagem caracterizada por signos depreciativos. Nesse aspecto, observa-se as inúmeras passagens do texto em que Joca se depara com a agressividade de uma linguagem que insiste em expor sua condição ideologicamente definida como inferior pelo grupo dominante.

A briga começou com o João Carlos:

- Logo a Tânia. Não sei por que preto tem de invocar com loura.

Não dei a mínima. Já estou quase acostumado. Entra Juquinha na jogada, mete a colher:

- A namorada dele é a Bete. Elisabeth, isso é nome de preta? Tem que ser Benedita, ou nome fácil, que é pra patroa falar: "Dita, vem catar piolho. Irene, vem fazer cafuné". Pra que complicar? Elisabeth...

Ele disse isso com a maior cara de gozação (AMORIM, 1985, p. 21-22).

Notamos essa caracterização também no episódio do banheiro, em que o autor evidencia a estreita relação entre as significações da linguagem com uma determinada situação social.

Lá estavam na parede, as tais frases de negro. Eram frases e palavrões, às cacetadas nas costas da gente: Negro bom é negro morto, lá em cima, bem alto. E a parede toda estava coberta de frases, as tais frases que todo mundo, por imitação, mandou sua brasinha: Bandaid de preto é fita isolante. Mantenha a cidade limpa, matando um negro por hora. Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão. Preto só é gente quando entra no banheiro e diz: tem gente. Negro é tão bonzinho que todo branco deveria ter um (AMORIM, 1985, p. 37).

O condicionamento ideológico do texto pretende alcançar no jovem leitor uma tomada de posição frente ao ambiente social agressivo que compartilha com o protagonista. No entanto, essa forte carga realista oferecida ao receptor do texto não é observado em grande parte da produção literária infanto-juvenil. Nesse sentido Fábio Lucas (1985, p. 89) considera que

Não se revela apenas a dominação do produtor sobre o consumidor, do opressor sobre o oprimido, da cultura sobre a natureza. Persiste o choque da "poesia do coração" com a "prosa das relações sociais". [...] Assim, verifica-se a oscilação da literatura infantil entre a fantasia e a apreensão do mundo real.

Contudo, no desenrolar da narrativa, o discurso do personagem negro revela uma espécie de resignação ou até mesmo conformismo. O jovem protagonista, embora aparentemente conformado, resiste, a sua maneira, ao preconceito ideologicamente estabelecido, passando ao receptor a impressão de que a mancha social, irá resistir e persistir sempre:

A gente já viu Princesa Isabel, Lei Áurea, escravidão. Brincam comigo:

- Xixi, você hoje seria um escravozinho.

Dona Marta explica, diz que Rui Barbosa mandou queimar tudo quanto era documento relacionado com a escravidão.

- Pra quê, dona Marta?

- Disse que era "para apagar a nódoa".

Pensei: nódoa como de xixi numa cama branca. Melhor parar de pensar? Melhor calar a boca?

Agora, preciso falar tudo, preciso falar a verdade, e o que é verdade não é mentira (AMORIM, 1985, p. 44).

Embora passivo diante da situação vivida, Joca faz uso de sua linguagem para denunciar-se oprimido e nomeado inferior pela classe dominante. É nessa postura de Joca que se denota a presença do sujeito que, apesar do aparente conformismo, oferece resistência, mas, ainda assim, legitimando sua condição de vítima do processo ideológico criado por meio dos signos linguísticos:

Tem hora que eu paro pra pensar na vida. Tem hora que eu acho que chegou a hora de não ser legal. Não que eu seja bonzinho e tudo ruim, nada disso. O diabo é que às vezes tenho vontade de berrar. Mas não berro. Enfio a cabeça debaixo do travesseiro, à noite. E ponho a boca no mundo. Que dá vontade de sumir, isso dá. Mas, também, não vou sumir não. Vou ficar aí.

Vou ficar aí, eu quero que além de mamãe ter dito para que ficar, estudar, ser alguém - essas coisas de mãe - eu quero. Daqui, só se for para a Mãe África (AMORIM, 1985, p. 37).

Para Bernard, é justamente essa marca textual constitui o fio condutor para a chamada literatura negra. Conforme a autora,



Efetivamente, o uso da literatura como forma de resistência vai se construir num fio condutor da literatura negra. Isto legitimaria uma escritura negra, vale dizer, uma literatura que se propõe a desconstruir o mundo nomeado pelo branco e erigir a sua própria cosmogonia. Seria, em suma, uma literatura disposta a romper um contrato de fala vigente e buscar uma dicção nova dentro do contexto literário (BERNARD, 1987, p. 18).

Dessa forma, consideramos o romance *Xixi na Cama* como um texto com referencial negro ou de negritude, ou, ainda, literatura negra, como quer Zilá Bernard. Contudo, percebemos uma difícil dissociação entre signo e ideologia, o que leva a acrescentar ao tema analisado uma reflexão mais estreita sobre as dimensões alcançadas pela linguagem na temática abordada.

Nesse sentido, embora se trate de um texto negro, a postura adotada no discurso do autor o coloca como corroborador de uma ideologia dominante, uma vez que apresenta o protagonista negro tentando reabilitar-se à comunhão social com bases em sua origem racial. Para Bernard (1987, p. 33),

Essa postura seria, na verdade, um mascaramento da verdadeira causa do problema: sua origem enquanto classe. Logo, a negritude que surgiu para desmascarar a ideologia racista branca que impunha como verdade a tese da "inferioridade do negro", correu desde logo o risco de cristalizar-se como ideologia e passar a ocultar outras realidades (Grifos da autora).

Se esse é um risco observado na produção de literatura negra, podemos dizer que, embora se verifique a presença dessa ideologização do signo, percebemos, também, que o momento de representação criado por Amorim é permeado de nuances realistas cujos tons se descortinam por meio da linguagem. Pretender-se-ia, então, que o jovem leitor já percebesse a linguagem organizada em camadas múltiplas que se articulam harmonicamente, como partes de uma polifonia, num só efeito estético de conjunto, como aponta Benedito Nunes (1998).

A representação do universo de Joca é retratada para o jovem leitor de maneira que este ingresse num mundo mais aproximado do real. Considerando que o leitor infanto-juvenil tenha consumido até então apenas textos fantásticos e imagéticos, este seria o

momento em que passaria a fruir uma literatura que o aproxima do real introduzindo-o, conseqüentemente, no universo dos signos institucionalizados socialmente. Para Fábio Lucas (1985, p. 91):

O texto realista despoja a Literatura Infantil de idealizações alienantes, auxilia a despertar o impulso crítico, sugerindo à criança o estado de alerta contra as simplificações maniqueístas. Prepara-a para atravessar as cortinas da repressão disfarçada. Eleva a sua racionalidade e operosidade, livrando-a da passividade e do conformismo.

Reportando essa observação de Lucas para a Literatura Infanto-Juvenil e para o Ensino, o romance estudado pode ser tomado como um meio de iniciação do público infanto-juvenil na leitura de textos realistas sem prejuízo à fantasia e ao encantamento inerentes aos mesmos.

Fantasia e realidade disputam espaço no período que vai da infância e da adolescência à idade madura. Há uma transição gradual do mundo mágico ao mundo lógico, cumprindo-se o que Van Gemep (1920) chamou de ritos de passagem de um status a outro. “A Literatura Infantil está mesclada de sinais de transição, apoiando-se na realidade e no mito, trazendo para o pequeno leitor aspectos da totalidade intensiva da experiência humana”, afirma Lucas (1985, p. 91)

Como observamos anteriormente o romance *Xixi na Cama* traz uma representação bastante realista do universo de um adolescente negro, surpreendendo o leitor pela objetividade com que representa esse mundo. Por outro lado, o texto não exclui o contexto mágico e encantador ao representar vários momentos vivenciados pelo jovem Joca como, por exemplo, no excerto:

O primeiro beijo, estava chovendo, foi debaixo da sombrinha. Pedi no rosto, virei a cara na hora, foi estrela para tudo quanto era lado. Choveu colorido neste dia. Eu flutuei, pisei em ovos, sentimental e apaixonado. Para sempre (AMORIM, 1985, p. 19).

Reportando nossa análise à questão relativa à intencionalidade do produtor, devemos considerar que a obra é dirigida para um leitor ainda em processo de construção e

apreensão das significações polifônicas da linguagem. Mas essa polifonia - diz Benedito Nunes (1998, p. 180), só existe quando executada pelo leitor. Assim, a intencionalidade apareceria à medida em que o complexo ato da leitura se realizasse, preenchendo as palavras com significações. Esse ato concretizaria a obra e a confirmaria, então no desenrolar de seu discurso dialético, como literatura infanto-juvenil negra.

O apelido do menino Joca caracteriza-se talvez, no signo mais pejorativo do que qualquer outro verificado no texto *Xixi na cama*:

- Que é que você quer, crioulo! Se não fez nada, ia acabar fazendo.
  - Eu nunca fiz xixi na cama, cara.
  - Mas você não sabe? Preto, quando não faz na entrada, faz na saída.
- Aí passaram a me chamar de *Xixi na Cama*. Como se *Xixi na Cama* fosse a mesma coisa que se chamar *Bolota*, *Janjão* ou *Teco*. Na verdade, é uma encheção. No colégio, já descobriram há muito tempo, e aí fiquei sendo *Xixi da Cama*. Até na rua. Até no futebol:
- Passa a bola, *Xixi*. Vai nela, *Xixi*. Chuta logo, *Xixi* (AMORIM, 1985, p. 49).

Embora se perceba claramente a força do signo ideológico, não podemos afirmar que o receptor confirmaria essa leitura. A apreensão do texto em toda sua dimensão dialética dependeria da maturidade, por assim dizer, do jovem leitor frente a temas tão complexos como este que apresentamos.

O etnocentrismo (crença na superioridade de uma etnia sobre outra) permeia todo o texto e é especialmente flagrante em citações como a mencionadas.

Um estudo mais profundo, em que colocássemos o texto para leitura do público-alvo, com posterior tomada de impressões e avaliação detalhada de reações, poder-nos-ia colocar diante de outros momentos da representação criada pelo autor, que fugiram a nossa observação, mas que poderiam ser extremamente significativas para o público adolescente.

Contudo, a presença do signo ideológico é evidente, e independente dos conhecimentos e habilidades linguísticas do receptor, a ideologia estará marcada nas falas do protagonista e dos personagens que o rodeiam. Nesse sentido, observamos em Bakhtin (1999, p. 37):

Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular, trata-se da "comunicação na vida cotidiana". Esse tipo de comunicação é extraordinariamente rica e importante. Por um lado, ela está diretamente vinculada aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas (Grifo do autor).

Embora o jovem leitor não tenha como prática leituras tão realistas, o tema presente não se configura para ele uma experiência inédita, uma vez que o etnocentrismo é um fenômeno social percebido há muito no contexto histórico mundial. Mais especificamente no Brasil, sabemos das nossas raízes na senzala e o quanto perdura sobre a comunidade negra o estigma de raça inferior.

Tomamos como partida para concluir nossa reflexão a observação Bakhtiniana de que “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que, ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (1999, p. 41).

Buscamos, no decorrer do nosso estudo, condicionar a análise com vistas a privilegiar o conteúdo ideológico da obra. Contudo, torna-se necessário considerar com cuidado qualquer conclusão, uma vez que o público receptor dessa produção encontra-se ainda em processo de formação.

O primeiro aspecto a destacar, segundo Fábio Lucas (1985, p. 85), “é o invólucro ideológico que norteia o adulto e infiltra-se na obra por ele produzida e confirma, para a criança, a atmosfera de consenso que a ideologia requer”.

Se a ideologia requer consenso, seria mister que o leitor se encontrasse num momento de plena competência linguística para que depreendesse do texto todo o teor significativo. Ora, embora não possamos apontar o texto como uma produção intencionalmente negra, reconhecemos nela uma literatura infanto-juvenil com fortes projeções ideológicas.

Por outro lado, a realidade da temática não compromete o texto enquanto fator de magia e sensibilização. É essa mágica, chamada literatura, que permite ao produtor a representação tão dura e ao mesmo tempo tão delicada do mundo de Joca.

Embora o leitor não depreenda do romance todo o seu teor ideológico, com certeza passará a entender melhor como se organizam os mecanismos da linguagem e o quanto podem pesar sobre o indivíduo, como ocorreu com o protagonista de *Xixi na cama*.

Compreendemos a dificuldade da tarefa a que se propõe o produtor de literatura infanto-juvenil ao escrever sobre um tema tão complexo para crianças e adolescentes. Ao entrelaçar fantasia e realidade em questões tão sérias como o preconceito racial, espera-se do autor a sensibilidade do artista que saberá se colocar entre um e outro campo, sem que os signos pejorativos encontrem em sua obra terreno fecundo para se perpetuar.

### **Referências**

AMORIM, Drummond Antônio César. *Meu nome é Joca*. Belo Horizonte - MG: Ed. Comunicação Ltda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

BERNARD, Zilá. *Negritude e literatura*. Porto Alegre - RS: Mercado Aberto, 1987.

LUCAS, Fábio. *Vanguarda, história e ideologia da literatura*. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998.

## **NEGRITUDE AND IDEOLOGY IN CHILDREN'S LITERATURE IN BOOK *XIXI NA CAMA* BY DRUMMOND AMORIM**

### **ABSTRACT**

This reflection shows the observed relationship between children's literature, sign and ideology in the book *Xixi na cama* by Drummond Amorim. Initially, it opens up space for the recognition of a black children's literature in the national literary context. Then, the signs and the present ideology are contextualize in the discourse of the author and their possible connotations to the receiver of the

text, in this case, the teenager still under construction and development of its ideological universe. Finally, it adds to the study of intentionality considerations about the author in producing a black children's literature, searching the text linguistic evidence to characterize him as well.

**Keywords:** children's literature, black literature, ideology.

## **ANEXO A**

### **Sobre o autor e sua obra**

Antônio César Drummond Amorim, Drummond Amorim na literatura, é escritor mineiro, detentor de cerca de vinte prêmios em âmbito nacional. Sua obra privilegia o público infanto-juvenil com romances que representam situações pertinentes ao universo adolescente. Aposentado, vive atualmente em Bacaiúva, onde ainda escreve.

Em conversa com o autor, via telefone, soubemos que *Xixi na Cama*, foi produzido sob o clima de pós-repressão que pairava no país na década do lançamento da 1ª edição. Com o título modificado para *Meu Nome é Joca*, no dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira, recebeu o Prêmio Nacional *João-de-Barro de Literatura Infantil*, da prefeitura de Belo Horizonte. A versão televisiva do romance foi adaptada para o programa *Fada Azul*, da *TV Tupi*, Brasília, em 1978. *Xixi na Cama* foi produzido com linguagem clara e direta que prende com facilidade o leitor. A forte carga ideológica dos signos é que confere ao texto a dinâmica da dialética do discurso.

## **ANEXO B**

### **Resumo do livro**

Joca é menino negro e pobre que narra sua história numa espécie de retrospectiva, no dia em que completa 13 anos, já acomodado na casa do Dr. Marcelo, que o tirou das ruas, levando-o para morar com sua família, a esposa D.Sara e os filhos Roberto e Júnior. Joca duvida da sorte, mas considera que, afinal, ainda existem pessoas boas nesse mundo.

Retomando suas lembranças, Joca recorda a mãe, Maria, a qual perdeu aos 8 anos de idade. Do pai, Antônio (Tonhão Pancada), só sabe o que os outros contam; jogava futebol e era o maior zagueiro já visto na cidade, por isso o apelido. Lembrou com carinho de D.Zefa, vizinha e costureira que passou a ser a sua mãe quando ficou órfão. Mas, D.Zefa também se vai.

Joca foi vivendo e foi ficando...

Com D.Chica, professora aposentada, aprendeu a ler e escrever.

E agora era só ele, Joca, com 8 anos nas costas, dono de empresa, diretor de engraxate, teve que se virar. Mudou-se para a rua daquela bonita, arrojada, misteriosa e discutida Capital do País. Pedrinho Canguru, que engraxava com ele, invocou querendo graxa sem pagar. Joca não concordou e estava feito o rebu. Foi aí que Dr. Marcelo entrou definitivamente na vida de Joca. Levou-o para junto de sua família. No início Roberto e Júnior olharam desconfiados, mas logo o chamaram para assistir TV na salinha.

Com tristeza e indignação, Joca lembra do apelido "Xixi na Cama" que, afinal, pensa consigo, não é apelido de gente. Já tinha sido xingado na rua de todos os desaforos que os de sua cor são xingados, mas esse apelido era demais, especialmente por ser mentiroso.

Mas Joca vai vivendo e vai levando, com o apelido "Xixi" e tudo mais.

Na escola conhece Bete, que em meio a uma confusão e outra em que Joca se envolve quando as denotações de preconceito são evidentes demais, mantém-se a fiel companheira que se torna namorada e confidente.

Apaixonado e romântico, Joca sonha: "Eu sonhei que tu estavas tão linda. É, linda, preta, "branca e radiante", que nem noiva de música... o órgão castiga Travessia, do Milton (que tem voz suave, mas cortante como faca, saída do fundo do porão). Eu assino a pena de morte. Eu olho pra cima. Eu peço arrego para o Cristo. Um Jesus Cristo, como eu imagino, nos sorri lá de cima."

Quando Dr. Marcelo pergunta o que ele quer ser quando crescer. Joca responde que quer ser médico e por conta disso Dr. Marcelo passa a chamá-lo de Dr. Joca. Aliás, Dr. Marcelo é o único que nunca o chamou de Xixi na Cama.

Fora do colégio é amigo de Zeca Minuano, um gaúcho que gosta de piadas e sabe contá-las como ninguém. É aquela risadona. Ele, Joca, gostaria de saber contar piadas assim, mas o seu negócio era poesia e discurso, um vexame. Discurso não tinha graça e poesia tinha vergonha de mostrar. Tudo bem, Joca não encontra motivos para reclamar da vida, afinal, lembra que sua mãe falava que ele era presente. "Naquele tempo, nem me passava pela cuca o que seria ser presente para alguém, mesmo pra minha mãe. Agora, eu sei muito bem o que ela queria dizer: eu era um presente e não um problema... Mãe é mãe. E filho é presente, não um problema. Estou só repetindo o que ela falava" (p. 26).

Num domingo desses, foi com a família para o clube. Depois, do constrangimento na portaria, o vexame na hora de entrar na piscina, ou melhor, na tentativa de entrar, Joca percebe definitivamente o peso de sua cor diante de uma sociedade preconceituosa e hipócrita. Nem bem tomou a ducha fria, um preto distinto, funcionário do clube, o interpela:

"- Veja lá rapaz. Olha a sua cor.

Não olho a minha cor. Não fico branco de susto. Fico é rubro-negro, o sangue subindo, a vergonha tomando conta da cara. Fico vermelho até onde um negro pode avermelhar. Não vejo a hora de cair fora. Mas, ainda há tempo.

- Será que minha cor vai sujar a água?

- Ninguém aqui conhece você. É estrangeiro.

- Mentira, não é nada disso. É porque sou preto. Só por isso. E você também é.

Ele se sente ferido, eu noto. A cara muda. E fala, com raiva:

- Cadê a carteirinha?

- Entrei porque deixaram.

- Ah é? Por que achou a porta aberta? Igual cachorro na igreja?

- Não senhor.

- Fala, crioulinho mal-educado. É? Cachorro na igreja?

- Tá bom, tá bom. Eu não nado. Não precisa brigar." (p. 34)

A confusão estava armada. Dr. Marcelo ficou revoltado. O diretor pediu calma e prometeu resolver tudo da melhor maneira. Na portaria Joca agradeceu ao porteiro, mas quando o porteiro sorriu, gozador, viu que tinha feito uma besteira.

Joca lembra de uma tarde quando entrou em um bar para usar o banheiro enquanto fazia seus trabalhos de Office boy para o Dr. Marcelo: "Eu dou um azar danado com banheiro. Uma outra vez, entrei num banheiro e um banheiro entrou na minha vida. Nesse, a porta nem fechava direito. Tive de segurar o tempo todo. Só depois é que foi clareando tudo, pude enxergar melhor no escuro e fui lendo na parede. Quase chorei, eu sou mesmo azarado, tem hora. Eu entrava pelo cano de tabela. Lá estavam, na parede, as tais frases de negro. Eram frases e palavrões às cacetadas nas costas da gente: Negro bom é negro morto, band aid de preto é fita isolante. Mantenha a cidade limpa, matando um negro por hora. Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão. Fico danado da vida com essas pessoas que mal aprendem a escrever para encher paredes de banheiro. Tem hora que eu paro para pensar na vida. Tem hora que eu acho que chegou a hora de não ser legal. O diabo é que às vezes tenho vontade de berrar. Mas não berro. Que dá vontade de sumir, isso dá. Mas também, não vou sumir não. Vou ficar ali, eu quero, que além de mamãe ter dito para ficar, estudar, ser alguém - essas coisas de mãe - eu quero. Daqui, só se for para a mãe África."

Quando o pessoal sai para passear de carro, Joca prefere passear a pé com Bete: "Outro dia, fomos ver Bituca, ele e a gangue dele. Gosto daquele cara, da voz que sobe do navio negreiro. Até fecho o olho para ouvir. Afino a voz, canto com ele: quando você foi embora fez-se noite em meu viver... Gosto demais do Milton. Dele e de mais uns cem. Mas navio negreiro me lembra colégio, é gozado. Lá, qualquer deixa, brincam comigo, mas aí já é sem maldade. Dona Marta recitou o navio negreiro certa vez, e até parecia que Castro Alves tinha bolado isso pra mim, todo mundo me olhando. 'Era um sonho dantesco...', começou. Essas coisas me interessam, fiquei de orelha em pé:

- Dona Marta, o que é dantesco?

- Vem de Dante, poeta italiano que escreveu a Divina Comédia. O poeta visitou o céu, o inferno e o purgatório, imaginou essas viagens.

- Dante era que tipo de poeta, além de viajante?

- Puxa que pergunta. Um poeta narigudo e genial.

- E 'dantesco' o que é?

- Coisa assim como vinda do inferno. Infernal, horrível.

A gente já viu Princesa Isabel, Lei Áurea, escravidão. Brincaram comigo:

- Xixi, hoje você seria um escravozinho.

Dona Marta explica, dia que Rui Barbosa mandou queimar tudo quanto era documento relacionado com a escravidão.

- Pra quê, Dona Marta?

- Disse que era 'para apagar a nódoa'.

- Devia ter deixado.

- Pensei: nódoa como de xixi numa cama branca. Melhor parar de pensar! Melhor calar essa boca! Agora, preciso falar tudo, preciso falar a verdade e o que é verdade não é



mentira." (p. 43-44).

A partir daí, Joca faz o seu desabafo final para o leitor, desculpando-se se acaso tivesse ofendido alguém. Porém, certa manhã acordou assustado sentindo a cama molhada. Tentou bolar alguma desculpa, mas era tarde. Júnior e Roberto entraram em seu quarto e aí começou a gozação. "Uns dias depois, quando eu já tinha levado a fama, Júnior confessa que urinou na minha cama. Se levantou de noite foi lá, e fez. Ele não aguentou a bronca que levei de Dona Sara. (Dr. Marcelo ficou caladão e sério, não disse nada).

Pois foi, o Júnior me chamou e no quarto contou tudo. Alguma coisa nele tinha doído. Confessou e eu falei:

-Puxa vida, Júnior por que fez isso?

Primeiro, ficou vermelho. Depois, queimou no golpe:

- Porque cismeí de fazer. Na minha casa faço o que quero.

- Puxa vida, Júnior.

- O que é que você quer, crioulo! Se não fez nada ia acabar fazendo.

- Eu nunca fiz xixi na cama, cara.

- Mas você não sabe? Preto, quando não faz na entrada, faz na saída." (p. 49-50).

Joca termina lamentando o triste apelido, conformando-se, porque afinal considera que há coisas muito mais importantes nesse brasilzão que fazer xixi na cama. Percebe que já está clareando lá fora. Tenta dormir. Mas acaba por reforçar que seu nome é Joca, não Xixi na Cama. "Quero ser alguém um dia e conto com vocês. Boa noite, boa noite para vocês todos. E, para você, você aí, todos os dias e eternamente pregado e repregado nessa cruz:

- Boa noite, Cristo Negro!"